

Entrevista com o taxidermista Ademar Lorenzutti



Figura 1 Ademar Lorenzutti taxidermista no CCA-UFES
Laboratório de Zoologia

Em dezembro de 2014, ocorreu no Centro de Ciências Agrárias – CCA-UFES o curso de taxidermia ministrado pelo Sr. Ademar Lorenzutti, 59 anos, morador de Linhares, detentor de um museu de acervo pessoal, relata a paixão pela taxidermia, de pai para filho, e atua na atividade desde os 15 anos de idade, onde já trabalhou em outros lugares, como o IBAMA e algumas instituições que levam estes animais vítimas de atropelamentos e óbito para ele taxidermizar. O curso de capacitação em

taxidermia, orientou os bolsistas da importância em se preservar uma espécie e passar conhecimento científico do habitat, nicho ecológico e todos os fatores preponderantes que pudessem contribuir para conservação do espécime.

A entrevista foi cedida e gravada em áudio:

Como que você começou a sua paixão por taxidermia?

O incentivo primeiro foi o iniciador de todo processo do aprendizado meu, foi meu saudoso pai. Ele trabalhou durante 72 anos com taxidermia por iniciativa própria, por curiosidade e não tinha nenhuma informação nem informação. Deixou um legado muito grande, não só no contexto da família, mas como deixar algo que pudesse contribuir para natureza que ele defendia com unhas e dentes, porque na época dele usava-se o machado, ele via muitas madeiras e árvores lindas sendo devastadas e junto com elas animais, em consequência da devastação da mata. E ele pensou que deveria fazer algo para as futuras gerações conhecer as espécies. Ele queria saber uma forma de querer mostrar isso só que ele não poderia levar elas vivas, então como preservá-las para as futuras gerações? Na época, caçar era permitido, então ele várias vezes se deparou com caçadores e de repente apareceu diante dele um mutum, uma ave muito linda por sinal que está taxidermizada lá no museu, ave comum lá das matas, e eles comiam a carne desta ave. Então a primeira ave foi o mutum, em que ele abriu a pele do mutum, sem experiência nenhuma, com uma ideia de preservação, colocou primeiramente o sal e depois encheu com paina (

semelhante ao algodão) o interior e encheu numa pele preservada em sal e deu o formato, que como de primeira vez não ficou legal, mas idealizou que aquele era o caminho para taxidermizar.

E desde então foi fazendo peça, só que o sal era só para determinado momento. Na época no interior, tinham missões de padres, e um destes padres o viu embalsamando, este era o termo daquela época, que seria uma técnica que veio da origem da mumificação, lá dos antigos egípcios, e se modernizou com os produtos eficazes e está ficando cada vez melhor. Mas então de repente o padre conhecia essa técnica e passou as que ele tinha aprendido na Itália, que conhecia essa forma de preservação através de produtos que ele utilizava, e a partir daí foi-se aprimorando suas peças.

E nessa época, Ademar era o único que se interessava, desde os 15 anos que começou a trabalhar com ele na taxidermia. Então a taxidermia vem para preservar uma espécie para se estudar no futuro. Contribui para estudar a forma do porquê da sua extinção, sua evolução genética e alterações, tudo isso através de estudos futuros, pois a taxidermia é bem ampla, você faz ela de forma artística e científica, enfim de fundamentação ambiental de se mostrar nas escolas.

Você pode trabalhar em escola, universidades, museus e em diversas formas. Você mostra para conscientizar crianças, jovens e o público em geral para ver até sua história. E a taxidermia conta história, como falei antes, a cada 4 horas, pelo documento que li, um ser vivo morre, então se ele morre você tem que preservar de alguma forma e a taxidermia é umas formas de preservar na forma estática e saber o nome científico habitat, DNA e de pesquisas futuras e então as pessoas vão conhecendo. E a técnica hoje facilita taxidermizar animais maiores, como por exemplo uma girafa e um elefante.

Você tem um museu?

Sim, essa fundação surgiu necessariamente com nome do meu pai falecido, Elias Lorenzutti, idealizador desse acervo para dar sustentabilidade a esse processo de forma particular, e nunca cobrou nada por essa visita de acervo e sempre atendendo as solicitações de escolas e vibrava com os alunos a contar as histórias. E coincidentemente uma escola de Linhares abraçou

essa causa para gestão que acredito que agora isso vá caminhar, que deram ideia, mas como não tínhamos ideias de gestão, então fizemos parceria com essa escola e vamos criar esse espaço e oficinas permanentes para conhecer a técnica, não só de manutenção e geração mas criar futuros taxidermistas pois existem poucos, pelo motivo que não dá lucro, mas sim um lucro de prazer e saber que contribuiu para uma causa justa.

Você só trabalhou com taxidermia?

Não, eu já fui bancário, mas sempre continuava na taxidermia desde os 15, mas nas horas vagas estava ajudando meu pai, e trabalho há 49 anos com taxidermia de forma prazerosa de saber que alguma forma estou contribuindo, saber que estou aqui contribuindo com isso e conhecendo pessoas maravilhosas. E quando taxidermizo não me contento com as peças feitas, como por exemplo a capivara que eu achei que não ficou legal, para mim toda peça que monto sinto que algo falta e preciso aprender a aprimorar. E ficamos apaixonados pela arte, saber montar e ajudar alguém a montar essa peça melhor. Se você faz por amor tudo flui naturalmente.

Quantas espécies você tem no seu museu?

Nesses 72 anos que meu pai vem trabalhando juntamente comigo, o número de espécies durante esse período é difícil de calcular, pois não temos só taxidermizadas aqui, temos no exterior, como Itália e Estados Unidos, que na época era permitido e hoje não se pode mais. Agora dentro do nosso acervo, contamos com 2.000 espécies não todas expostas, umas guardadas para espera o espaço adequado e outras para visitação.

Não fomos numerando, mas são inúmeras, temos espécies do Rio de Janeiro, algumas que fizemos para o museu Mello Leitão em Santa Teresa, e que pelo Brasil inteiro, são mortos de formas por vários fatores, que vem para serem moldadas e retornam para as unidades de deles.

 udio gravado por: Rúbia Vanelli



Figura 2 Peças taxidermizadas pela equipe MUSES instruídos pelo Sr. Ademar Lorenzutti



Figura 3 Bolsistas do MUSES e Ademar Lorenzutti